

# Suplemento Cultural

## Epitáfio para uma Cross – a caneta que marcou

**HENRIQUE DE MEDEIROS**  
– presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Foram aproximadamente dez anos. Ou mais? Ginásio, clássico, faculdade, trabalho etc. É, por aí: uns dez anos. Já a perdi incontáveis vezes; recuperei-a em todas. Mas sinto que hoje é diferente. Pressinto que a perdi para sempre. Desta vez, foi separação final. Quando olho para a minha cintura, onde a guardava carinhosamente no cós da calça, como se fosse um revólver (“a tinta é uma arma”, segundo um irreversível amigo), vejo milhares de cenas do passado. Com ela fui despedido, amado, empregado, vi e reví muitas mortes, admirei semifetos, cantei coisas que com ela escrevi, paquerei, fodi, apenas cuspi um esperma frio, venci e cheguei, muitas vezes, a perder. Certa vez, anotei com sua carga o telefone de uma linda modelo de cinema e televisão. Noutra vez, saquei uma entrevista de primeira página do dia seguinte em manchete garantida; dela, também muitas matérias saíram para o lixo. Como com ela, também, baleei muitos enganados da vida em duelos nas folhas de papel.

Minha Cross, dez anos de união. Uma ave-maria? Dois padre-nossos? Uma missa ou mesmo comunhão?

“

Linda Cross, fomos dois.  
Mente e tinta, mão e  
caneta agindo de comum  
acordo por uma década.  
Os bilhetinhos de amor,  
os panfletos, as redações  
profissionais (...)

Não pude conceder a ela o sepultamento merecido. A minha reverência ante a firmeza e dureza de sua tinta durante esses anos, não pude demonstrar na hora da separação. Não pude dar a ela nem último aceno, na impossibilidade de tentar apanhá-la, por exemplo, no cair pela descarga de uma privada de avião; não pude nem vê-la morrer ao meu lado, como eu pretendo, incinerado e diluído nas cinzas deste mundo.

Linda Cross, fomos dois. Mente e tinta, mão e caneta agindo de comum acordo por uma década. Os bilhetinhos de amor, os panfletos, as redações profissionais, os proje-



tos encantados dos contos, poemas e outros espelhos da vida. Minha companheira, será inesquecível. Saiba, em qualquer lugar deste vasto mundo, na mão de um pivete que não sabe tratar você com a devida gramática, nos frios dedos de um executivo a cumprimentar com ru-

bricas a burocracia ou no acalanto de um poeta a classificar a vida, que você é eterna. Nesse tempo passaram-se bolsas, roupas, relógios, a própria vida, mas você permaneceu e me acompanhou. Triste fim. Meus dedos, mãos e mente reclamam por você. Adeus, amada Cross.

## CEGOS

**RAQUEL NAVEIRA**  
– vice-presidente da ASL

Em volta da mesa, os amigos conversam sobre arte, cinema, literatura. Alguém se lembra de Jorge Luís Borges, o escritor argentino que ficou cego. Ele, o professor que conhecia cada livro da Biblioteca Nacional, onde fora diretor por tantos anos, entrou um dia nas galerias do metrô, no trem de vidro, ferro e chispas e saiu de lá tonto, sem visão. Foi a partir desse instante que começou a criar símbolos no escuro: labirintos, sonhos, caudas de tigres, livros de areia. Atravessou o jardim das veredas que se bifurcam, o caos que governa o mundo, a irrealidade da escrita. Porque o cego participa do divino, é vidente, é estranho, caminha por uma realidade secreta, proibida aos comuns dos mortais.

Imediatamente citou-se Homero, o bardo da Grécia Antiga, o autor cego da *Ilíada* e da *Odisseia*, as maiores narrativas de guerra e de amor da humanidade. O cerco a Troia. A imprudência do príncipe Páris apaixonando-se pela bela e trágica Helena. O corpo de Heitor esfaçalhado pelas bigas ao redor dos muros da cidade. A armadilha do cavalo de madeira. As aventuras do grego Odisseu ou Ulisses na travessia do mar. O encontro desse herói com Tírésias, o profeta cego de Tebas, que viu uma vez a deusa Atena se banhando nua numa fonte. A cegueira como castigo, expiação. Foi Tírésias, com seus olhos cegos de iniciado, que levou Ulisses ao Hades, aos Infernos, à mansão dos mortos, onde nenhum ser vivo até então penetrara.

Ah! E não esqueçam que Camões ficou cego de um olho numa batalha, salientou a poetisa de fala doce. Dever ter sofrido em seu orgulho. Era moço bonito, loiro arruivado, temperamental. Mais um golpe do destino, mais uma adversidade pressionando seu espírito turbulento. O buraco do olho sempre tampado por uma tira de couro negro como um pirata. O importante é que escreveu *Os Lusíadas* e nos mostrou o quanto era plástica

a língua portuguesa, capaz de narrar o épico e expressar as mais finas modulações da alma.

– E do cego do conto “Amor”, de Clarice Lispector, alguém aí se recorda? Está no livro *Laços de Família*. Ana, uma dona de casa pacífica e forte como um lavrador, mãe de dois filhos, sobe num bonde e percebe a presença de um cego. Um homem cego que mascava chicletes. Ela se perturba, desce no Jardim Botânico, sente uma náusea doce, uma piedade de leão, enquanto observa os troncos carregados de frutas pretas. O cego lhe mostrara o quanto a vida era periclitante. Que ela gostaria de seguir o seu chamado e ir a lugares pobres e ricos que precisavam dela. Foi tomada pelo medo e pela pior vontade de viver, de optar por uma missão livre, totalmente diferente da escolhida por ela. O cego fez com que ela fosse atingida por uma vertigem de bondade, pelo demônio da fé.

Nesse ponto, eu disse: – Jesus curou três cegos de maneiras diferentes. O primeiro estava sentado à beira do caminho de Jericó. Quando o Mestre passou, gritou, implorou misericórdia e ele o atendeu. O segundo foi curado gradualmente, pois a princípio via homens como se fossem árvores andando. O terceiro era cego de nascença, foi curado com saliva e lodo, lavado no tanque de Siló.

O jornalista cético sorriu. Afirmou que não cria em milagres e que os dois primeiros cegos até poderiam ter sido curados, mas nunca o cego de nascença, sem nervo ótico. Impossível. Repliquei baixinho: – Foi curado pelo dono da Luz.

Aquela escritora que ama o Oriente, explicou que os hindus alcançam a iluminação espiritual fixando os olhos no sol ardente. Todos concordaram que as aparências são sombras enganadoras, como provou Platão com o mito da caverna, enquanto sorriam goles de café.

Numa outra reunião, estávamos tristes ao redor da mesa. Nosso companheiro jornalista morrera, subitamente, aos cinquenta e dois anos, numa manhã azul de domingo.

## OS MONSTROS

**HELIOPHAR SERRA**

Campo Grande – 1929-1930. Época de moral e costumes severos. A mulher – casada, solteira ou viúva – que se prezasse, não saía à rua sem ser acompanhada, mesmo que fosse à igreja. Os homens usavam paletó, gravata e chapéu; a mulher, saia comprida, abaixo dos joelhos, cintura baixa e sapatos fechados. O máximo do traje esportivo masculino: calça de flanela creme, paletó azul-marinho, sapatos de duas cores.

Época de futebol em cantos de ruas, com bola de meia, de borracha, ou de couro. A de couro, engraxada com sebo nas costuras, para não apodrecer. Não existia relógio público, mas monumentos vivos: Vespasiano Barbosa Martins, Eduardo Olímpio Machado, Fernando Correia da Costa.

– Vamos ver os monstros hoje?

O capitão-de-areia campo-grandense do meu tempo, Cabeludo, perguntou e verrumou a turma com seus olhos grandes e zarolhos. A indagação, porém, caiu no vazio. Ninguém respondeu. Cabeludo sentiu o fraquejar dos companheiros e ameaçou: – Quem não for, será excluído. Não quero covardes na minha turma.

Prisioneiros do medo, todos concordaram, de imediato. Queriam, agora, pormenores. As indagações faisaram como pedacinhos de malacacheta ao sol: – Eles têm chifres? – quis saber o Quincão.

– Têm – esclareceu Cabeludo. – Uns têm chifres retorcidos como os de carneiros; outros, pontiagudos como de novilha arisca. Alguns deles soltam fumaça e fogo pelas ventas.

– Que é venta? – inquiriu o

sisudo Manelão.

– Não sei, não. Parece que é boca de tinioso. (Cabeludo não quis dar uma de ignorante perante a turma)

Decidida a perigosa aventura, os moleques foram ras-tejando pelo mato até o limite da cerca de arame farpado. Estacaram, tensos. Lá estava a caverna brilhando ao sol da manhã: um chalé branco, de janelas verdes. Deitados como militares em combate, esperaram uns quarenta minutos, os nervos esticados como cordas de violão. De repente, saiu de casa um homem alto, vestido de paletó e gravata, chapéu na cabeça; nas mãos, uma pasta. Acompanhava-o uma mulher, que carregava nos braços uma criança loira, de olhos azuis. O homem inclinou-se, beijou o rosto da companheira e da criança, desceu a pé a Rua Antônio Maria Coelho em direção ao centro da cidade. Ficamos estupefatos, decepcionados.

– Você tem certeza que é aqui mesmo?

– Tenho – respondeu Cabeludo, de boca aberta. Consultou um papel sujo e amarfanhado: “Rua Antônio Maria Coelho n. 231, acima da Rua Rui Barbosa, casa de janelas verdes e, ao lado, um frondoso pé de cumbaru.” Tudo certinho. Bolas! A decepção doía mais que murro na boca do estômago. Aos pouquinhos, a turma foi se retirando de rasto, até alcançar a rua-estrada, nos fundos.

– Mãe, eu conheci hoje os amigados.

– ?!

– Eles não são monstros, como dizem, mãe. São iguaizinhos a nós.

Foi a minha primeira constatação judiciosa na vida, ao redor dos meus doze anos de idade.

## POESIAS

### PEÇAS DO DESTINO

Eram duas! E delas, a Maria,  
Sempre a meu lado, na saúde ou tédio,  
Era tudo... o consolo... o meu remédio...  
A mãe! Mas, tendo-a perto, eu não a via!...

Mas via, obcecado, a outra, a Lia.  
Esta, porém, por outro ao meu assédio  
Fugia, dura e fria como um prédio.  
Mas, por destino, o outro lhe fugia...

Céus! Quantos desencontros! Que ironia!  
A Maria me amando uma existência  
E uma vida eu sonhando amar a Lia,

Que hoje me ama... Mas, ao perder Maria,  
Tão tarde e sem remédio tomo ciência  
De que sempre a amei – mas não sabia!

(do livro *Álbum de Sonetos*)

**GERALDO RAMON PEREIRA**

### DE AZUL DEVE SER O SONHO DOS PARDAIS

há um ardor  
e uma dor  
em cada pedra  
e em cada ruflar de asas...

há o mesmo reino  
entre uma formiga  
e um morcego  
e uma gaivota  
mas não há  
a mesma melodia nos faróis  
quando os mares ofertam  
às tardes os mesmos mistérios

antes de entender o sol  
de azul deve ser o sonho dos pardais...

a poesia  
é dor e sal  
é dorsal...  
leva ao dorso do infinito  
o pulsar do girassol  
que estava em decúbito...

nenhuma sombra  
assombra o silêncio das pedras aladas...

(do livro *Vias do Infinito Ser*)

**RUBENIO MARCELO**

### A TARDE

Na calma de uma tarde silenciosa,  
Nessa mágica e límpida quietude,  
Apagam-se os borrões da vida rude,  
Aquieta-se a mágoa lacrimosa.

Reanima-se a alma pesarosa,  
O enfático ouropel não mais ilude  
E a alma existencial, por mais que mude,  
Não será nem fria, nem maldosa.

Ah! Uma tarde assim tão preguiçosa,  
Cheia de sonhos. Mais, plena de amores,  
Aos poucos se entregando ao anoitecer.

Tu és, tarde solene e langorosa,  
A doce imagem vespéral das cores,  
Serás a imagem luz do amanhecer.

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR**